

Práticas informacionais e mediação da informação:
um olhar para a tecnodiversidade

Information practices and information mediation:
a look at technodiversity

Romeu Righetti de Araujo

Universidade Estadual de Londrina
romeu.righetti@gmail.com

Ilemar Christina Lansoni Wey Berti

Universidade Estadual de Londrina
christinaberti@uel.br

João Arlindo dos Santos Neto

Universidade Federal do Pará
santosneto@ufpa.br

RESUMO

Este artigo realiza reflexões acerca de práticas informacionais sob a perspectiva da mediação da informação na ambiência de bibliotecas universitárias, no intuito de evidenciar a tecnodiversidade no contexto social. Este artigo tem como objetivo entender como o inter-relacionamento entre estudos sobre práticas informacionais, mediação da informação e tecnodiversidade pode influenciar os usuários de uma biblioteca universitária em seu contexto social, além de explorar como o indivíduo pode, por sua vez, influenciar e transformar o contexto social em que está inserido. Quanto à metodologia utilizada, o artigo adota a revisão de literatura, utilizando as principais plataformas científicas da área da Ciência da Informação, e é caracterizado pela pesquisa bibliográfica do tipo exploratória de enfoque qualitativo, com a adoção de revisão integrativa ao realizar a síntese e a análise crítica de estudos prévios. A seleção dos materiais foi conduzida considerando sua relevância para os temas de práticas informacionais, mediação da informação e tecnodiversidade. Nesses aspectos, busca evidenciar a relação entre os temas, no sentido de favorecer a construção do conhecimento e possibilitar a reflexão sobre a formação de indivíduos protagonistas de suas histórias na valorização de sua identidade cultural e social. Conclui-se que profissionais e usuários da informação são potencialmente agentes para a condução de uma transformação social, ainda que em condições diferentes na ação de construção do conhecimento. Neste contexto, os recursos tecnológicos são instrumentos cooperadores, embora não devam ser impostos de forma generalizada para realidades distintas.

Palavras-chave: Práticas informacionais; Mediação da informação; Tecnodiversidade; Bibliotecas universitárias.

ABSTRACT

This article reflects on information practices from the perspective of information mediation in university libraries, with the aim of highlighting technodiversity in the social context. The objective of the study is to understand the role of information mediation when confronted with the issues of technodiversity and information practices. As for the methodology used, the article adopts a literature review, using the main scientific platforms in the field of Information Science, and is characterized by exploratory bibliographical research with a qualitative approach, adopting an integrative review by synthesizing and critically analyzing previous studies. The selection of materials was made considering their relevance to the themes of information practices, information mediation and technodiversity. In these respects, it seeks to highlight the relationship between the themes, in order to encourage the construction of knowledge and enable reflection on the formation of individuals who are the protagonists of their stories and who value their cultural and social identity. The conclusion is that information professionals and users are potentially agents for bringing about social change, even though they are in different conditions when it comes to building knowledge. In this context, technological resources are cooperative instruments, although they should not be imposed in a generalized way on different realities.

Keywords: *Information practices. Mediation of information. Technodiversity. University libraries.*

1 INTRODUÇÃO

Grande parte das pesquisas realizadas na área da Ciência da Informação, que trabalha com práticas informacionais, revela que este tema não está relacionado de forma simplista com a apropriação da escrita, da leitura ou, por exemplo, com as formas de utilização de um sistema informacional para a busca de informação mas, que se estrutura na complexidade das inter-relações sociais mediadas pela cultura.

Por meio de estudos consolidados na área da Ciência da Informação, este artigo aborda de forma conceitual o tema práticas informacionais, apresentando uma breve contextualização histórica de seu desenvolvimento, pelas duas abordagens relativas aos estudos de usuários, que a antecederam. Sendo elas a abordagem tradicional (objetiva e focada em sistemas de informação, coletando dados sobre uso e avaliação de coleções), a abordagem alternativa, identificada posteriormente como cognitiva (ligada ao comportamento informacional do usuário) e a abordagem social, caracterizada na contemporaneidade por considerar os intervenientes culturais (relacionada a formação do conhecimento a partir de uma construção recíproca entre o indivíduo e seu meio social).

Outros temas abordados nesta pesquisa foram definidos em virtude da análise pretendida, sobre as implicações sociais da tecnodiversidade, na apropriação da informação pelos sujeitos informacionais e o papel da mediação da informação no âmbito de uma biblioteca universitária.



A tecnodiversidade, proposta por Hui (2020), questiona a imposição global sobre como as tecnologias podem impor padrões de comportamento. Indica como as pessoas podem resistir a esse padrão, adaptando as tecnologias aos seus interesses. Nesta perspectiva, compreender a disseminação da informação requer entender como as tecnologias podem influenciar nas ações e nas formas de se apropriar do conhecimento, de maneira a reconhecer que as tecnologias são meios e não exercem funções deterministas em si próprias.

Nesse contexto, a mediação não apenas facilita a apropriação da informação desejada, mas também reconhece que a satisfação da necessidade informacional é temporária e parcial. A apropriação da informação pode resultar em conflitos cognitivos, levando a novas necessidades por informações que esclareçam, elucidem ou ofereçam diferentes perspectivas sobre o conflito inicialmente gerado.

Ribeiro e Almeida Júnior (2022) destacam que a apropriação da informação ocorre também na experiência de vida do sujeito, onde se encontram os elementos subjetivos que significam e ressignificam a informação.

Por fim, busca-se compreender através das práticas informacionais, como o inter-relacionamento das temáticas apresentadas neste estudo podem influenciar os usuários de uma biblioteca universitária, em seu contexto social, e como o indivíduo, além dos profissionais da informação, também pode ser fonte influenciadora de transformações ao contexto social em que está inserido.

2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Para a melhor compreensão do surgimento conceitual de práticas informacionais, é necessário compreender a história dos estudos de usuários que marcaram o campo da Ciência da Informação, a partir da década de 1930, caracterizados pela denominada abordagem tradicional.

A abordagem tradicional entende a informação de forma objetiva, visto que busca compreender o funcionamento de sistemas de informação e a obtenção de levantamentos de uso e avaliação de coleções. A abordagem tradicional



correspondente ao paradigma físico, defendido por Capurro (2003), em que a informação é considerada objetiva e independe do usuário.

Capurro (2003) aponta que o paradigma físico está intimamente relacionado com a teoria da informação de Shannon e Weaver (1972) e também com a cibernética de Wiener (1961), sendo que esse paradigma postula a existência de algo transportado, um objeto físico, que seriam os sinais (a mensagem ou informação) que um emissor transmite a um receptor.

Para Berti e Araújo (2017, p. 391) a abordagem tradicional dimensiona melhor a informação de forma técnica e quantitativa, a partir de tipos ou fontes de informação, relacionadas a taxas demográficas e perfis de usuários. Na abordagem tradicional, pode-se desconsiderar a identificação real dos significados e impactos pessoais e sociais da informação, de forma que nessa abordagem o conhecimento é compreendido como um ente separado dos sujeitos.

No paradigma tradicional, podem ser identificadas sete características, sendo elas a objetividade da informação, o mecanicismo (foco no sistema), a passividade dos usuários, trans-situacionalidade (predizendo o comportamento dos usuários através de modelos e estatísticas), visão atomística (voltada para a interação entre os usuários e os sistemas de informação), concepção comportamental (que privilegia o comportamento externo, por meio do contato com fontes e uso de sistemas) e por fim o caos, ligada a crença de que as pesquisas geram observações consistentes e comportamentos padrão para os sistemas de informação (Gasque; Costa, 2010).

Como a abordagem tradicional não direcionava sua atenção ao usuário da informação, como aspecto central do fluxo informacional, muitas críticas a esse modelo começaram a ocorrer a partir da década de 1970, dando início a uma outra abordagem denominada abordagem cognitiva, ou seja, uma abordagem alternativa a abordagem tradicionalmente desenvolvida nos estudos de usuários.

Por meio da abordagem cognitiva foram elaboradas teorias e modelos ligados ao comportamento informacional do usuário. De acordo com Gasque e Costa (2010, p. 28), “Ellis, Dervin, Kuhlthau e Wilson são alguns pesquisadores associados a essas mudanças”.



Os estudos relativos à abordagem cognitiva, centrados no paradigma cognitivista, começaram a ser norteados por métodos indutivos e qualitativos, ao procurar identificar características únicas em cada usuário, por meio do processo interpretativo do indivíduo, relacionado às necessidades informacionais como: motivação, fator semântico, memória, categorização técnica e forma de aprendizagem (Gasque; Costa, 2010).

Ainda sobre o campo dos estudos de usuários, Berti e Araújo (2017, p. 392) afirmam que:

[...] a abordagem tradicional, criticada principalmente pelo aspecto positivista, vazia de singularidade, condição peculiar dos seres humanos”, foi superada pela abordagem cognitiva por responder questões do fenômeno informacional relacionadas a significação que os usuários atribuem à informação .

Contudo, Rolim e Cendón (2013) argumentam que na perspectiva do paradigma cognitivo, ainda persiste a ideia de que os usuários e a informação ocupam esferas distintas, em certa medida, operando de forma independente. Neste caso, é imprescindível considerar as influências sociais na formação do sujeito, uma vez que suas interações com a informação são moldadas pelo contexto social e cultural em que estão inseridos.

As autoras complementam a crítica sobre a abordagem cognitiva alegando que o sujeito desempenha um papel central nesse processo, com seus interesses pessoais e bagagem de conhecimento prévio ao influenciar suas escolhas e avaliações. Neste sentido, emerge o paradigma social da informação, na década de 1990, que reconhece que o sujeito é moldado socialmente, refletindo-se em sua percepção, uso e busca pela informação por meio da cultura e construídos dentro de um contexto social. (Rolim; Cendón, 2013).

A partir da década de 1990, alguns pesquisadores identificaram que a informação enquanto objeto de estudos, possuía uma outra característica, além do aspecto físico (abordagem tradicional) e do aspecto cognitivo (abordagem cognitiva), ou seja, a informação também contempla o aspecto social e cultural, compreendido na formação do conceito de práticas informacionais.

Para Anna (2017, p. 7-8) o paradigma social na Ciência da Informação:



[...] corresponde à informação como produtora de conhecimento, sendo que esse conhecimento não pode ser medido, uma vez que está armazenado nas pessoas, constituído pelo que se denomina de conhecimento tácito, fruto de experiências, vivências e habilidades pessoais.

No primeiro momento, a abordagem cognitiva não contemplou a perspectiva das práticas informacionais, considerando aspectos, sobretudo, individuais e não sociais. Esse conceito apareceu posteriormente, discutido por autores como Savolainen (1995), Talja (1996) e Wilson (2000), sem muita incidência no campo dos estudos de usuários. Esses autores, ancorados numa epistemologia social da informação, que abrange os aspectos socioculturais e admitem a relevância das interações entre as pessoas para a construção da realidade. Tais aspectos são defendidos também por Hjørland (2002), Capurro (2003), Rendón Rojas (2005) e Frohmann (2008), ao postularem que o objeto “informação” contempla além dos aspectos físicos e cognitivos, o aspecto social (Berti; Araújo, 2017, p. 392).

Estudos de práticas informacionais direcionam seus esforços na compreensão da informação, como um processo de acomodação das interações, imbricadas na formação do conhecimento a partir de uma construção recíproca entre o indivíduo e o contexto social ao qual está inserido.

Araújo, Valério e Ramos (2022, p. 1) inferem que as práticas informacionais:

vinculam, de forma direta, a informação aos sujeitos e os seus contextos de vida, permitindo proceder-se a análises focadas a partir das relações entre os sujeitos, os contextos e a informação. [...] tendem a ampliar a compreensão sobre a informação enquanto fenômeno social e relacional.

A análise do fluxo de informação em um determinado contexto, como o local onde as pessoas estão inseridas e como são atribuídos os sentidos das informações pelos sujeitos, considerando as ações e os significados desses sujeitos, são características dos estudos ligados às práticas informacionais. Moreira e Duarte (2016, p. 172) consideram que as práticas informacionais não pressupõem, necessariamente, a existência de uma “lacuna” ou necessidade informacional, e que



existem práticas informacionais, além da tríade necessidade-busca-uso de informação.

Berti e Araújo (2017, p. 396-397) destacam que “[...] compreender como os atores sociais produzem seus significados, conduz à análise sociológica como forma de conhecimento, sem, no entanto, limitá-la a um método”.

Esta abordagem visa a compreensão do fenômeno informacional coletivo e humano, por meio do enfoque sociológico e do compartilhamento de significações, na perspectiva de uma realidade social e cultural, não apenas ao modo de pensar do indivíduo, como é representado em estudos de comportamento informacional resultante da abordagem cognitiva.

A concepção de práticas informacionais ocorre por meio de uma ampliação de perspectivas, quanto à compreensão sobre as formas de uso de sistemas e ao modo de busca, acesso e utilização da informação pelos sujeitos e de seu comportamento cognitivo, para a construção do conhecimento. A ideia de prática informacional, neste sentido, opera com a superação epistemológica da dicotomia entre sujeito e objeto; agência e estrutura, na medida em que compreende que as práticas que envolvem buscas, usos e apropriações da informação pelos sujeitos, são tanto determinadas quanto determinantes das estruturas e dinâmicas que constituem histórica e conflitivamente a complexa trama da realidade social (Martins, 2021, p. 151-152).

O estudo das práticas informacionais em bibliotecas universitárias envolve compreender como os usuários interagem com os sistemas de informação, buscando, acessando e utilizando informações para construir conhecimento, mas também suas possibilidades materiais e históricas em relação ao acesso aos próprios equipamentos. Isso requer uma abordagem que supere a dicotomia entre sujeito e objeto, reconhecendo a influência mútua entre os usuários e o ambiente informacional. Oferecer serviços e estratégias adaptados às necessidades e contextos individuais dos usuários podem possibilitar uma interação mais significativa e eficiente.

A compreensão de práticas informacionais, pela perspectiva sociocultural, possibilita o entendimento de que, a construção do conhecimento pelos sujeitos informacionais, em determinado contexto social, acontece por meio das interações



e, é esta práxis indissociável, que possibilita a construção recíproca do conhecimento e das transformações da realidade.

Araújo (2017, p. 221) apresenta a seguinte definição para o estudo das práticas informacionais:

[...] constitui-se num movimento constante de capturar as disposições sociais, coletivas (os significados socialmente partilhados do que é informação, do que é sentir necessidade de informação, de quais são as fontes ou recursos adequados) e também as elaborações e perspectivas individuais de como se relacionar com a informação (a aceitação ou não das regras sociais, a negociação das necessidades de informação, o reconhecimento de uma ou outra fonte de informação como legítima, correta, atual), num permanente tensionamento entre as duas dimensões, percebendo como uma constitui a outra e vice-versa.

A partir da inter-relação social, a apropriação da informação passa a ter significados partilhados, por meio de formulações e aspirações individuais, que refletem na transformação coletiva, por meio das influências mútuas, das realidades humanas e sociais.

Segundo Almeida (2021) essas apropriações delineiam novas práticas informacionais, expressão e uso de informações, manifestações culturais e políticas, até mesmo influenciando as configurações sociais das organizações onde ocorrem. Elas possibilitam maneiras inovadoras de fomentar o ensino, de difundir tanto informações válidas quanto falsas, de viabilizar a entrada ao saber e de formular iniciativas políticas e de identidade.

A partir do enfoque das práticas informacionais, no contexto de uma biblioteca universitária, percebe-se que, o modo como o fluxo informacional ocorre entre as pessoas e o ambiente em que estão inseridos, reflete diretamente nas formas em que se desenvolvem as pesquisas, a formação do conhecimento e também como cada pessoa afeta diretamente o contexto social ao qual se integra.

As práticas informacionais auxiliam na compreensão sobre como as pessoas interagem e acessam informações em diversos contextos ao analisar como as pessoas buscam, consomem e compartilham informações. Neste sentido, as práticas informacionais podem levar a uma reflexão sobre como a mediação da informação pode ser aprimorada para atender às necessidades e expectativas das pessoas em relação à informação.



3 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A atenção deste artigo se delimita ao fluxo informacional, na ambiência de bibliotecas universitárias, compreende-se que a construção sociocultural neste ambiente ocorre entre os seus usuários (estudantes, pesquisadores e docentes), os profissionais da informação (bibliotecários e auxiliares), a informação (sistemas e coleções) e o ambiente, seja ele físico ou virtual.

O 'fluxo informacional' na biblioteca universitária refere-se à constante circulação de informações, que envolve desde o movimento físico de materiais até a transferência de conhecimento por meio de sistemas digitais e interações entre os usuários e os recursos. Isso inclui todas as etapas do ciclo de vida da informação, desde a aquisição até o acesso pelos usuários e a avaliação dos serviços. A compreensão desse conceito permite perceber o papel que as bibliotecas exercem na mediação desse fluxo, facilitando a interação entre usuários e recursos informacionais (Lima, 2018).

A integração entre estes elementos nas bibliotecas universitárias ocorre por meio da mediação da informação e, por este motivo, nesta seção, aborda-se os conceitos teóricos sobre mediação da informação evidenciando sua ligação direta como interveniente na formação das práticas informacionais. Almeida (2021, p. 235) destaca “as chamadas ‘práticas’ [...] não são claramente definidas em si mesmas, sendo, em geral, subentendidas como um conjunto de ações que constituem produções (simbólicas ou materiais), mediações ou interações”.

Da mesma forma que as “práticas” apresentam esta característica ampla, que possibilita o enquadramento conceitual em diferentes contextos de aplicação, o mesmo acontece quando buscamos compreender melhor a definição de mediação, conforme aponta Almeida (2021, p. 237) ao estarmos:

[...] distantes de uma definição consensual de mediação, pois lidamos com conceito de enorme plasticidade, que prolonga suas fronteiras para abarcar realidades muito distintas entre si, agregando novos níveis de complexidade à análise dos fenômenos dispostos sob esse rótulo.

O termo mediação é utilizado por inúmeras áreas do conhecimento como no Direito, na Comunicação, na Educação, dentre outras. A mediação é entendida



como uma ação de negociação e significação, vinculada aos aspectos intrínsecos da área em que é empregada. Neste sentido, “a mediação ‘agregaria valor’ aos processos culturais, informacionais ou comunicacionais, gerando ganhos em termos de conhecimento aos sujeitos envolvidos” (Almeida, 2021, p. 238).

Davallon (2007, p. 12), ao analisar autores que propõem uma conceituação de mediação, apresenta “que a vontade de definir a mediação de um ponto de vista teórico (e mesmo científico) é uma tarefa bastante específica do domínio das ciências da informação e da comunicação”.

Davallon (2007) se atenta para a variedade de aplicações da mediação, sobretudo com a característica comunicativa e o processo de interlocução da informação entre o pólo emissor e o pólo receptor, e destaca:

Ora, o desenvolvimento do emprego do termo mediação ao longo dos últimos anos mostra de forma bastante clara a necessidade de uma definição de mediação que não seja apenas uma interface, localizada nas ciências da informação e da comunicação, de uma perspectiva antropológica de natureza filosófica (Davallon, 2007, p. 21-22).

Na Ciência da Informação, a mediação também pode ser compreendida como uma ação de negociação, mas direcionada a lidar com conflitos de natureza informacional. Almeida Júnior (2015, p. 25) apresenta a seguinte definição para mediação da informação:

[...] toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Um aspecto a ser destacado na definição apresentada por Almeida Júnior (2015), é que a mediação além de possibilitar a apropriação da informação desejada, apresenta que esta “satisfação da necessidade informacional”, do sujeito, é momentânea e acontece de forma parcial, visto que, a apropriação da informação poderá gerar conflitos de ordem cognitiva no indivíduo, acarretando assim novas



necessidades por informações que esclareçam, elucidem ou apresentem outros pontos de reflexão acerca do conflito gerado inicialmente.

Para Gomes (2020), a mediação da informação se situa como um fundamento da Ciência da Informação, pautado sob a perspectiva social, de ação dialética e interacionista, que possibilita o diálogo, o debate e propicia o raciocínio e o ambiente necessário para a troca de ideias, opostas ou complementares.

A efetividade da ação mediadora está associada à mediação consciente que, com o cuidado necessário busca alcançar suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política, promovendo o processo de problematização que contribui para que ocorra a apropriação da informação e a tomada de consciência por parte dos sujeitos envolvidos na ação de interferência, o que contribui para o desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social, assegurando que o acesso, uso e a apropriação da informação ocorram em parâmetros democráticos, se fazendo em experiência de um encontro com a informação capaz de fortalecer as lutas por inclusão e justiça social (Gomes, 2020, p. 2).

Diante de todas as especificidades da mediação, a abordagem de ação mediadora apresentada por Gomes (2020) possui similaridade com a proposta deste estudo, que visa compreender o elo entre a mediação da informação e as práticas informacionais, ao depreender que a apropriação da informação e a tomada de consciência pelos sujeitos contribuem para o protagonismo social.

A partir do momento que os sujeitos informacionais se tornam protagonistas, estes passam instantaneamente a serem também autores das construções sociais. Do mesmo modo que, o ambiente influencia transformações no indivíduo, o indivíduo protagonista social também promove de maneira consciente as ações de transformação direcionadas à convivência coletiva e democrática.

A mediação da informação não ocorre de forma individualizada apenas, também atua diretamente na concepção de transformações tanto do indivíduo, como de seu meio social, passando, desta forma, a um entendimento semelhante ao enfoque compreendido pelas práticas informacionais.

Apesar de toda a preocupação dos profissionais da informação, na condução de suas atividades de mediação e na prestação de serviços informacionais qualificados e amparados em aspectos e padrões científicos



consistentes, existe uma preocupação atual, decorrente do uso e emprego das tecnologias, e da vasta oferta de informações online, que estão provocando novas formas de mediação, inclusive levando a uma situação indesejada de desintermediação.

A desintermediação ocorre quando o indivíduo tem acesso direto a fontes de informação, como redes sociais e sites de notícias, principalmente de forma online, sem depender de mediadores tradicionais como jornais e emissoras de televisão. Isso resulta no acesso ampliado da informação, porém pode gerar preocupações referentes à veracidade e qualidade das informações.

Existem duas correntes na desintermediação da informação em bibliotecas universitárias. Uma sugere que o acesso direto à Internet pode tornar a biblioteca e seus profissionais dispensáveis. A outra corrente destaca que as bibliotecas estão evoluindo com as novas tecnologias, oferecendo recursos online e serviços que incentivam a autonomia dos usuários na busca e utilização da informação. Assim, as bibliotecas acadêmicas enfrentam o desafio de se adaptarem ao cenário digital enquanto continuam a fornecer serviços relevantes (Silva; Lopes, 2011).

Para Almeida (2021, p. 243), com o panorama contemporâneo dos fluxos e serviços informacionais cada vez mais sofisticados e a facilidade de uso, começa-se um movimento de atribuição para empresas como o “Google e seus correlatos o alegado papel de ‘guias’ precisos e seguros possibilitando aos indivíduos, por meio da ‘desintermediação’, o acesso direto à informação e ao conhecimento”.

O entendimento de liberdade e abundância informacional ao alcance dos indivíduos e grupos é criticado por Almeida (2014, p. 195), onde há “[...] uma mistificação apoiada numa falsa ideia de “neutralidade” das tecnologias: não há rede sem escolha, sem organização, sem hierarquia, já que os conhecimentos não existem fora de um contexto social, nem se reorganizam de maneira aleatória”.

Diante da complexidade desta realidade informacional e do entendimento enquanto mediadores da informação, os profissionais que atuam nas bibliotecas universitárias necessitam estar atentos à maneira como a desintermediação está se ampliando e trazendo com ela a desinformação. Fato que pode acarretar principalmente numa piora constante na qualidade do conhecimento científico e atraso para o desenvolvimento de sujeitos socialmente conscientes.



A mediação da informação ao promover e ampliar as formas de acesso ao conhecimento, também possibilita o acesso a uma variedade de tecnologias e ferramentas, exercendo a promoção da tecnodiversidade. Ao capacitar indivíduos na compreensão, avaliação e utilização de tecnologias de forma inclusiva e acessível, a mediação da informação pode facilitar as formas de fazer a gestão da tecnodiversidade ao promover um ambiente mais inclusivo e inovador.

4 TECNODIVERSIDADE

Estudos neste sentido propõem inovações e críticas acerca do modo em que ocorre a apropriação (Almeida, 2021), por meio de uma imposição velada, dos recursos tecnológicos pelas sociedades, surgindo alguns conceitos como “cultura de convergência” de Jenkins (2009), crítica ao “solucionismo tecnológico” de Morozov (2018) e “concepções ecossistêmicas” de Latour (2020).

Com críticas consistentes, ao modo como são impostos certos aspectos da tecnologia, como um padrão de comportamento para diversas culturas e contextos sociais, destacamos a “tecnodiversidade” de Hui (2020) que realiza uma ampla análise deste contexto e apresenta um questionamento paradigmático.

A tecnodiversidade pode afetar determinado contexto social e como os sujeitos informacionais podem rever a interferência tecnológica imposta como padrão, apropriando-se destes recursos e utilizando-os de acordo com seus próprios interesses, objetivos e sem deixar de considerar as condições materiais.

No livro intitulado *Tecnodiversidade*, Hui (2020) discorre sobre vários conceitos como a cosmotécnica (que trata da unificação de todas as coisas que compõem o universo, com as questões morais por meio de atividades técnicas) e a neocolonização, que vem ocorrendo por meio da globalização tecnológica, “que impõe sua racionalidade via instrumentalidade, como o que observamos nas políticas transumanistas e neorreacionárias” (Hui, 2020, p. 27).

Compreender o modo como a informação é disseminada no mundo, requer o entendimento sobre as formas com que as tecnologias a conduzem, e de certo modo, pretendem impor um entendimento (por vezes equivocado), de que elas são o fim e não o meio, que possibilite iniciativas locais de transformação.



Ainda pensando nos aspectos globais, é inconcebível a aceitação de que as tecnologias possam transformar as sociedades de forma igualitária, por meio da imposição, visto que, desta forma, seriam desconsiderados todos os aspectos culturais, políticos, sociais, ideológicos e econômicos que determinam as múltiplas variedades e contextos existentes no mundo e especificamente interferem nas formas de apreensão do mundo, podendo acarretar processos mais amplos de exclusão social.

Um exemplo disso é a análise realizada por Almeida (2021, p. 257-258):

A análise [...] precisa estar associada para uma compreensão adequada deste fenômeno multidimensional de segregação. Ocorre uma redução de oportunidades propiciadas pelo acesso à internet das populações mais pobres quando realizadas exclusivamente por conexões de baixa velocidade e/ou via celular.

A forma como a globalização se impõe, por meio das tecnologias de informação e comunicação, gera uma falsa sensação de unificação global dos aspectos socioculturais.

Neste sentido, Hui (2020, p. 137) destaca:

Tecnodiversidade não significa apenas que países diferentes produzam o mesmo tipo de tecnologia (monotecnologia) sob marcas diferentes e com atributos ligeiramente diferentes. Na verdade, ela se refere a uma multiplicidade de cosmotécnicas que difiram uma das outras em seus valores, epistemologias e formas de existência.

É inegável que as tecnologias propiciaram uma revolução no contexto informacional. A utilização das ferramentas que elas oferecem, facilitaram expressivamente as formas de colaboração, multiplicação e intercâmbio do conhecimento entre as mais diversas culturas. “Essa diversificação de tecnologias também traz implícita uma diversificação de modos de vida, de formas de coexistência, de economias, e assim por diante” (Hui, 2020, p. 143). Contudo, a realidade dos sujeitos informacionais é diversa em relação ao acesso tecnológico, às formas de uso, busca e da própria identificação das necessidades informacionais.

Compreende-se desta forma, que a tecnodiversidade apresenta-se como um conceito relativo ao desenvolvimento de alternativas tecnológicas, que visam servir



como instrumentos transformadores, aos contextos sociais aos quais se inserem, possibilitando não estarem isolados, mas sim formar uma base para a colaboração global, que não seja pela imposição, e que ofereçam novas oportunidades em redes sociais, alternativas de ferramentas colaborativas e novas infraestruturas de instituições digitais.

Quadro 1 - Estudos que possibilitaram a análise relacional entre práticas informacionais, mediação da informação e tecnodiversidade

Título	Autor(es)	Data
Impacto das tecnologias digitais nas bibliotecas universitárias: reflexões sobre o tema.	CARVALHO, L. M.; SILVA, A. M.	2009
Mediação, cultura e tecnologia: questões para a formação nas Ciências da Informação.	MORAES; M. B.; ALMEIDA, M. A.	2014
Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos	ALMEIDA, M. A.	2014
Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando?	BERTI, I. C. L. W.; ARAÚJO, C. A. Á.	2017
O que são práticas informacionais?	ARAÚJO, C. A. Á.	2017
Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política	MOROZOV, E.	2018
Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da ciência da informação em favor do protagonismo social.	GOMES, H. F.	2020
Tecnodiversidade	HUI, Y.	2020
Práticas informacionais em diálogo com as ciências sociais e humanas	TANUS, G. F. S. C; ROCHA, J. A. P.; BERTI, I. C. L. W.	2021
Práticas nas redes sociais da internet: ensaio sobre informação e guerra híbrida.	MARTINS, A. A. L.	2021
Da mediação à apropriação da informação: um olhar para o usuário da informação.	RIBEIRO, M. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F.	2022
Mediação da informação e reconhecimento intersubjetivo: aproximações teóricas.	CASTRO, J.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F.	2022



Práticas informacionais no campo de estudos da Ciência da Informação: desafios contemporâneos nas pesquisas brasileiras	ARAÚJO, E. A.; VALÉRIO, E. D.; RAMOS, R. B. T.	2022
---	--	------

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Descrição: Quadro dividido em três colunas, apresentando lista de referências bibliográficas relacionadas ao tema. As colunas apresentam títulos, autores e anos de publicação respectivamente. A formatação do quadro é textual, sem elementos gráficos, cores ou tabelas.

Dentre os estudos obtidos no levantamento bibliográfico, não foi encontrada nenhuma publicação que tenha abordado de forma uníssona os três temas, sendo eles práticas informacionais, mediação da informação e tecnodiversidade.

Ressalta-se que, o uso do termo tecnodiversidade, apenas foi encontrado na publicação de Hui (2020) e, neste sentido, há uma carência de mais estudos sobre o tema na área da Ciência da Informação. Porém, diante das características que envolvem o conceito tecnodiversidade, foi possível evidenciar a presença da tecnodiversidade nas publicações obtidas, tanto nas que abordam as questões de práticas informacionais, como nos trabalhos sobre a mediação da informação.

Carvalho e Silva (2009, p. 128) consideram que:

[...] as Tecnologias Digitais podem se revelar como um retrato do novo paradigma, onde sempre surge uma nova tecnologia para facilitar o processo de informação e comunicação, quando necessário.

A diversidade de acesso, seja por razões materiais ou culturais, é essencial na discussão sobre tecnodiversidade na Ciência da Informação. Enquanto geralmente vista como uma barreira, a diversidade pode impulsionar a inovação e oferecer entendimentos significativos sobre as necessidades dos usuários.

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) desempenham um papel central na sociedade atual, estabelecendo uma rede global que conecta diferentes sociedades, cada uma com sua própria história e estilo de vida. Esse ambiente interconectado tem transformado profundamente a vida cotidiana das pessoas, provocando encontros e conflitos entre culturas locais e influências culturais globais. Nesse contexto, a cultura, quando associada à tecnologia, passa a desempenhar um papel central na dinâmica das sociedades contemporâneas (Almeida, 2014, p. 194).

Castro e Almeida Júnior (2022) relatam que as conexões físicas e emocionais podem ser entendidas como formas mediadas de interação que resultam em



mudanças no ambiente dos dispositivos de informação e na construção do discurso e da identificação.

Moraes e Almeida (2014) inferem que esse espaço que combina elementos da cultura e da tecnologia, está em constante evolução e oferece grandes oportunidades, mas geralmente tem sido negligenciado nos programas de formação de profissionais e pesquisadores em Ciência da Informação.

Os mesmos autores ainda consideram que, a mediação entendida como uma prática educativa tende a favorecer certos tipos de informações, formas de leitura e métodos de intermediação cultural aceitos pelo sistema dominante, enquanto negligencia outras que promoveriam uma ligação mais profunda entre as pessoas e o conhecimento prático, racional e técnico. Contentar-se com a mera absorção, em vez da verdadeira apropriação da cultura artística e científica, resulta em mediações e interpretações superficiais. Ponderar sobre essa questão poderá garantir uma inserção autêntica das pessoas na cultura (Moraes; Almeida, 2014).

Nesse sentido Almeida (2014, p. 210) relata que:

[...] ao refletirmos sobre as atividades de mediação no contexto contemporâneo dos fluxos tecnoculturais, não procuramos fazer uma apologia ao mundo digital e às TICs, mas de fazer constar que sua presença, mesmo que problemática, enriquece e disponibiliza novos meios e recursos para a apropriação da informações e conhecimentos, assim como para a expressão e criação cultural, dinamizando as relações sociais.

Reflexões sobre os estudos sociais e culturais na área de Ciência da Informação, especialmente no que diz respeito à mediação da informação, que destaquem abordagens interpretativas de lacunas, valores teóricos e práticos, que ainda não foram amplamente explorados, resultará em novos significados sobre às práticas informacionais (Castro; Almeida Júnior, 2022).

Quadro 2 - Pontos de aproximação e distanciamento entre os três conceitos estudados

Conceito	Pontos de Aproximação	Pontos de Distanciamento
----------	-----------------------	--------------------------



<p>Práticas Informacionais</p>	<p>Frequentemente envolvem a mediação da informação no contexto dos aspectos culturais, sociais, dos locais onde as pessoas vivem e como se relacionam com o mundo informacional. Inclui as formas de aprendizagem dos usuários.</p> <p>O impacto das tecnologias da informação na compreensão das práticas informacionais, pode influenciar a forma como a informação é organizada, acessada e utilizada pelos usuários.</p>	<p>Tendem a se concentrar mais nas ações específicas realizadas pelos profissionais da informação para facilitar o acesso à informação, sem necessariamente considerar os aspectos mais amplos da mediação da informação.</p> <p>Quanto às tecnologias, ocorre uma opacidade na compreensão assimétrica sobre as formas de uso, sem considerar os aspectos culturais e sociais imbricados</p>
<p>Mediação da Informação</p>	<p>Desempenha um papel central na facilitação do acesso e uso da informação pelos usuários, atuando como intermediário entre os recursos informacionais e os usuários. As tecnologias da informação têm uma influência significativa na prática da mediação, afetando como os profissionais da informação selecionam, organizam e disponibilizam os recursos para os usuários.</p>	<p>O foco pode estar principalmente nas interações diretas entre usuários e recursos informacionais, deixando de considerar completamente os aspectos mais amplos das práticas informacionais, como políticas institucionais e influências sociais.</p>
<p>Tecnodiversidade</p>	<p>Diversidade de tecnologias da informação disponíveis. Ampliação da acessibilidade e da diversidade de informações disponíveis aos usuários. Promoção da inclusão ao oferecer múltiplos recursos que visam atender às diferentes necessidades e preferências dos usuários.</p>	<p>A tecnodiversidade pode ser menos enfatizada nas discussões sobre práticas informacionais e mediação da informação, especialmente quando se concentram mais nas ações e processos específicos do que nos aspectos mais amplos da influência das tecnologias da informação.</p>

Fonte: Autoria Própria, 2024.

Descrição: Quadro comparativo, dividido em três colunas, a saber: conceito, pontos de aproximação e pontos de distanciamento. Os conceitos estão organizados verticalmente e as comparações dispostas horizontalmente. A figura utiliza uma estrutura de texto claro e sucinto para destacar como cada conceito se relaciona com os outros. Não há elementos gráficos adicionais além do quadro e do texto.

Ao buscar uma compreensão teórica e interpretativa da dimensão intersubjetiva das práticas informacionais, da mediação da informação e da



tecnodiversidade, a atenção centrar-se-á na receptividade, como um fenômeno informacional coletivo que possibilita a emancipação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões finais deste estudo oferecem uma oportunidade para aprofundar o diálogo entre os conceitos fundamentais abordados, destacando os impactos sociais mais amplos das práticas informacionais no contexto das bibliotecas universitárias. Ao longo deste trabalho, exploramos a ampliação das abordagens de mediação da informação, desde suas raízes técnicas e quantitativas até as dimensões cognitivas e socioculturais, reconhecendo o papel fundamental dos profissionais da informação como mediadores nesse processo de transformação.

É essencial reconhecer que as mudanças nas práticas informacionais não ocorrem isoladamente, mas sim dentro de um contexto social complexo, onde as questões de acesso, equidade e inclusão são fundamentais. A transição para os acervos digitais, embora ofereça benefícios em termos de acessibilidade e disponibilidade de recursos, também levanta preocupações sobre a subutilização dos acervos físicos e a possível exclusão de certos grupos de usuários.

Nesse sentido, é importante contextualizar os desafios enfrentados pelas bibliotecas universitárias dentro de uma análise mais ampla das disparidades sociais e econômicas.

A tecnodiversidade emerge como um fator preponderante para entender as implicações sociais das tecnologias da informação. A multiplicidade de ferramentas digitais pode enriquecer as práticas de mediação da informação e promover uma maior diversidade de perspectivas, ao ampliar a variedade de formatos e tipos de conteúdo, como ebooks, artigos acadêmicos, vídeos e bases de dados especializadas, atendendo às diferentes necessidades e preferências dos usuários. Como também, proporcionar uma visão mais abrangente e diversificada sobre determinado tema ou área de estudo.

Por exemplo, enquanto alguns usuários podem preferir fontes acadêmicas tradicionais, outros podem se beneficiar de materiais de divulgação científica ou recursos multimídia. Essa diversidade de perspectivas promove um ambiente



informacional mais inclusivo e dinâmico, incentivando a exploração e o engajamento dos usuários com os conteúdos disponíveis.

Porém, também pode amplificar as desigualdades existentes, criando barreiras adicionais para certos grupos de usuários, como por exemplo, a dependência crescente de recursos digitais pode marginalizar grupos que não têm acesso consistente à tecnologia ou à internet de alta velocidade, como estudantes de baixa renda ou aqueles que vivem em áreas rurais.

Além disso, a falta de acessibilidade em algumas interfaces digitais pode excluir pessoas com deficiências físicas ou cognitivas, tornando difícil ou impossível para eles aproveitar plenamente os recursos digitais disponíveis. Essas barreiras adicionais exacerbam as disparidades sociais existentes, negando a certos grupos de usuários o acesso equitativo à informação e ao conhecimento disponíveis nas bibliotecas universitárias.

Concluimos, portanto, que há uma clara necessidade de pesquisas adicionais que explorem de forma mais profunda as interseções entre práticas informacionais, mediação da informação e tecnodiversidade. Tais estudos são essenciais não apenas para expandir nosso conhecimento teórico sobre esses temas, mas também para informar políticas e práticas mais inclusivas e equitativas dentro das bibliotecas universitárias. Afinal, somente ao reconhecer e enfrentar os desafios sociais e humanos inerentes ao ambiente informacional, podemos verdadeiramente cumprir o papel como profissionais da informação e agentes de mudança na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

ALMEIDA, M. A. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 191-214, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/34804>. Acesso em: 23 out. 2022.

ALMEIDA, M. A. Práticas informacionais, culturais e comunicacionais: perspectivas para a sociabilidade e a política contemporâneas. *In*: TANUS, G. F. S. C; ROCHA, J. A. P.; BERTI, I. C. L. W. (org.). **Práticas informacionais em diálogo com as ciências sociais e humanas**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021. Disponível em:



https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_e73ca42d9ca141ffa4298e33400abffc.pdf. Acesso em: 15 out. 2022.

ANNA, J. S. A ciência da informação na sociedade multicultural: o paradigma social como paradigma emergente. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 3-14, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/16139>. Acesso em: 17 fev. 2025.

ARAÚJO, C. A. Á. O que são práticas informacionais? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. esp., p. 217-236, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655>. Acesso em: 15 out. 2022.

ARAÚJO, E. A.; VALÉRIO, E. D.; RAMOS, R. B. T. Práticas informacionais no campo de estudos da Ciência da Informação: desafios contemporâneos nas pesquisas brasileiras. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 8, n. 1, p. 1-8, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/874/616>. Acesso em: 17 fev. 2025.

BERTI, I. C. L. W.; ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando? **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 389-401, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33832>. Acesso em: 15 out. 2022.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...], Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

CASTRO, J.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e reconhecimento intersubjetivo: aproximações teóricas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 27, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/211313>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CARVALHO, L. M.; SILVA, A. M. Impacto das tecnologias digitais nas bibliotecas universitárias: reflexões sobre o tema. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 19, n. 3, p. 125-132, set./dez. 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/248950>. Acesso em: 17 abr. 2024.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? *Prisma.com*, Porto, n. 4, p. 4-37, jun. 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/61109>. Acesso em: 23 out. 2022.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. (org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008.



GASQUE, K. C. G. D.; COSTA, S. M. S. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 1, p. 21-32, jan./abr. 2010. Disponível em:

<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1285>. Acesso em: 15 out. 2022.

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da ciência da informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047/32516>. Acesso em: 23 out. 2022.

HJORLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspectives in Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, New York, v. 53, n. 4, p. 257-270, 2002. Disponível em:

https://www.academia.edu/1304543/Epistemology_and_the_socio_cognitive_perspective_in_information_science. Acesso em: 04 jan. 2024.

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LATOURETTE, B. **Onde aterrar?** como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

LIMA, G. M. C. Serviço de referência: práticas informacionais do bibliotecário. 2018. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em:

https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-BB2HRV/1/2017661648_gracirleimaria_de_carvalho_lima_mestrado_ppgci.pdf. Acesso em: 30 abr. 2024.

MARTINS, A. A. L. Práticas nas redes sociais da internet: ensaio sobre informação e guerra híbrida. *In*: TANUS, G. F. S. C.; ROCHA, J. A. P.; BERTI, I. C. L. W. (org.). **Práticas informacionais em diálogo com as ciências sociais e humanas**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021.

MORAES, M. B.; ALMEIDA, M. A. Mediação, cultura e tecnologia: questões para a formação nas Ciências da Informação. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 15., 2014. **Anais** [...]. Belo Horizonte: ENANCIB, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/189004>. Acesso em: 17 fev. 2025.

MOREIRA, F. M.; DUARTE, A. B. S. O paradigma social da informação e as teorias sociais: relações e contribuições. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 169-178, 2016. Disponível em:

<https://www.pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/28485/15788>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MOROZOV, E. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.



RENDÓN ROJAS, M. Relación entre los conceptos: información, conocimiento y valor: semejanzas y diferencias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 52-61, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/qxPGHNPQv6GgGj3PcGXwSyc/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

RIBEIRO, M. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Da mediação à apropriação da informação: um olhar para o usuário da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 1-17, 2022. Trabalho apresentado no 4º Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1825>. Acesso em: 17 fev. 2025.

ROLIM, E. A.; CENDÓN, B. V. Modelos teóricos de estudos de usuários na ciência da informação. **DataGramZero**, v. 14, n. 2, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/7692>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SHANNON, C.; WEAVER, W. **A teoria matemática da comunicação**. Urbana, IL.: University of Illinois Press, 1972.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: Approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library & information science research**, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0740818895900489>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SILVA, E. L.; LOPES, M. I. A internet, a mediação e a desintermediação da informação. **DataGramZero**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. [1-9], abr. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/7348>. Acesso em: 17 fev. 2025.

TALJA, S. Constituting “information” and “user” as research objects: a theory of knowledge formations as an alternative to the information man-theory. *In*: VAKKARI, P.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B. (ed.). **Information seeking in context**. Londres: Taylor Graham, 1996, p. 67-80.

WIENER, N. **Cibernética ou o controle e a comunicação no animal e na máquina**. Massachusetts: MIT, 1961.

WILSON, T. D. Human Information Behavior. **Informing Science**, Brookhill Court, v. 3, n. 2, p. 49-54, 2000. Disponível em: <https://inform.nu/Articles/Vol3/v3n2p49-56.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2024.

NOTAS

Nome do autor: Romeu Righetti de Araujo

Afiliação: Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Minicurrículo: Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI-UEL). Especialista em Sustentabilidade na Gestão Pública (UTFPR). Bacharelado em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bibliotecário/Documentalista na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).



ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0453-809X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3893759823120770>

Email: romeu.righetti@gmail.com

Nome do autor: Ilemar Christina Lansoni Wey Berti

Afiliação: Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Minicurrículo: Docente permanente da pós-graduação (PPGCI-UEL) nas disciplinas de Docência em Ciência da Informação e Práticas informacionais (Edital 14/2021). Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina. Tem formação em: Pós-doutorado em Ciência da Informação PNPD/CAPES no PPGCI/UEL (2019 - 2022) e mestra pela mesma instituição. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de concentração Produção, Organização e Utilização da Informação (2014-2018). Graduada em Biblioteconomia e Pedagogia com estudos voltados a inclusão, comportamento informacional, práticas informacionais e regime de informação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1222-6045>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5248079505422092>

Email: christinaberti@uel.br

Nome do autor: João Arlindo dos Santos Neto

Afiliação: Universidade Federal do Pará (UFPA)

Minicurrículo: Professor da Faculdade de Biblioteconomia (FABIB) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Pará. Professor Formador I (UAB CAPES), no Curso à Distância de Biblioteconomia da UFPA. Docente Permanente Externo no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UEL). Doutor e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (PPGCI/UNESP) e Bacharel em Biblioteconomia pela UEL. É Líder do Grupo de Pesquisa Informação, Sociedade e Cidadania da UFPA e do Grupo de Pesquisa Interfaces: Informação e Conhecimento da UEL. Membro dos Grupos de Pesquisa Informação: Mediação, Cultura, Leitura e Sociedade da UNESP/Marília, do Grupo Competência e mediação em ambientes de informação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1833-911X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9296179246118904>

Email: santosneto@ufpa.br

LICENÇA DE USO

CC BY-NC-ND.

ENTIDADE EDITORA

Associação Catarinense de Bibliotecários.

EDITORADO POR:

Débora Crystina Dias Reis; Paula Sanhudo da Silva; Evandro Jair Duarte; David Milhomens; Beatriz Moraes Borges; Barbara Cristina Marques dos Santos Ribeiro; Andressa E. Brito Rebelo.



HISTÓRICO

Recebido em: 04-01-2024 - Aprovado em: 24-05-2024

